

Feminismos Decoloniais e Teoria Literária: outros percursos críticos

Catarina Caldeira Martins¹

Maximiliano Torres²

Simone Pereira Schmidt³

Como toda abordagem feminista, a presente proposta para o Dossiê 50 da Revista *Soletras*, intitulado *Feminismos Decoloniais e Teoria Literária: outros percursos críticos*, nasce de um questionamento que, por sua vez, se desdobra para outro e mais outro, num desvelamento incessante. Ao buscarmos nas literaturas contemporâneas, escritas por mulheres cis ou trans, negras, indígenas, racializadas, periféricas, percebemos que, em suas obras, implicações teóricas colocam em causa outros conceitos já solidificados. Diante disso, surgem sequências de indagações que se sobrepõem na medida em que tentamos estruturar possíveis respostas... Nada é mais feminista que tal dinâmica!

Não é novidade que toda teoria é uma sistematização de imposições de ordem, estruturada a partir de um ponto de vista de poder. Não obstante, a teoria literária, os métodos e conceitos analíticos empregados, ainda hoje, remontam ao paradigma europeu, branco e masculino. Nesse sentido, como desatar os espartilhos que sufocam a leitura e a interpretação dos textos literários contemporâneos? Como se aplicam, a essas produções, os conceitos da narratologia francesa, relativa à estrutura diegética, ao tempo, ao espaço e à personagem? É possível a abordagem tradicional de uma lírica de mulheres negras, indígenas, transgênero, cuja poética assume o corpo como um lugar de fala específico, tantas vezes ligado à oralidade

¹ Professora Associada com Agregação no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Coimbra e Investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Doutora em Letras (Literatura Alemã) pela Universidade de Coimbra. Mestre em Literatura Alemã e Comparada pela Universidade de Coimbra. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Ingleses e Alemães) pela Universidade de Coimbra. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4317-9835>. E-mail: catarina.martins@fl.uc.pt.

² Professor Adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutoramento pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4638-034X>. E-mail: torres.maxi@gmail.com.

³ Professora Titular aposentada na Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com pós-doutoramento em Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa e em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4650-5368>. E-mail: simonepschmidt@gmail.com.

e a um novo posicionamento da voz? Como encaixar tais escritas em sistemas literários e aparelhos de análise crítica associados a paradigmas filológicos e vinculados ao conceito de Nação? Será suficiente um método comparativo num mundo globalizado de culturas misturadas, cujas linhas de sentido atravessam todo o tipo de fronteiras materiais, sistêmicas e paradigmáticas?

Na perspectiva feminista e decolonial, debates sobre as construções e desconstruções de gênero e de sexualidades, questões de classe e de identidades, problematizações sobre os conceitos de raça, etnia e as formulações pós-identitárias, numa sociedade falocêntrica e colonizadora de corpos e de saberes, fornecem contínuos de compreensão mais do que simplesmente teóricos, conceituais e limitados. A construção teórica, a percepção política e a necessidade da prática, fornecidas pelos estudos feministas e, sobretudo, os decoloniais, possibilitam ampla visão sobre o próprio conceito de teoria da literatura, permitindo um alargamento do olhar no atravessamento pelos caminhos da crítica, da historiografia e, por conseguinte, no campo da formação pedagógica de leitores.

Nesse sentido, ler literatura se desarticula do espaço de pensar o texto, meramente, a partir dos motes de valor, de significado, de tradição, de autoria ou de pontos de vista e da linguagem, bem como de forçados encaixes conceituais. O avanço do método feminista de leitura, que é uma leitura política, desconstrói os alicerces de uma crítica absolutamente normativa e ultrapassada, que sustenta as bases ideológicas das desigualdades. E, a partir desse deslocamento do lugar de onde se olha a materialidade histórica do discurso e das subjetividades no campo literário, entende-se o sentido desterritorializante das produções literárias, numa articulação da linguagem com político e o coletivo. Assim, se como afirma Deborah Levy em *Bens imobiliários*, terceiro volume da sua Autobiografia Viva, “Toda escrita trata de ver coisas novas e investigá-las. Às vezes trata de ver coisas novas em coisas antigas”, o objetivo deste volume é iniciar, a partir dos artigos apresentados, possíveis caminhos de questionamentos e revisão da teoria literária, bem como de análises críticas, de um ponto de vista feminista decolonial.